

Reconstruindo Matilde: desigualdade e discriminação em *Leite derramado*, de Chico Buarque

Reconstructing Matilde: inequality and discrimination in *Leite derramado*, by Chico Buarque

Éderson Cabral*
eder108@yahoo.com.br
Instituto Federal do Rio Grande do Sul

Ernani Mügge**
ernani@feevale.br
Universidade Feevale

RESUMO: Este trabalho centra-se no romance *Leite derramado*, de Chico Buarque, lançado em 2009, e visa analisar o tratamento dispensado a Matilde, personagem da obra, pela sociedade na qual ela está inserida, mais precisamente pelo entorno social da família Assumpção, a qual integra, por longo período, a aristocracia carioca. A análise do texto é efetivada sob o prisma da identidade e da cultura e considera aspectos políticos e históricos ao lançar luz sobre determinados eventos ocorridos no Brasil e mencionados na obra. Para isso, usa-se como aporte teórico conceitos de Homi K. Bhabha (1998, 2011), de Lélia Gonzalez (1984), de Linda Hutcheon (1991), entre outros. Como resultado, é possível perceber, por meio da narrativa, deslocamentos sociais e seus impactos em uma sociedade preconceituosa, racista e dissimulada.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira Contemporânea. Cultura. Desigualdade. Racismo. Discriminação.

* Éderson de Oliveira Cabral é Doutor em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade FEEVALE, com período sanduíche na Universidade de Bolonha - UNIBO; Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS; Especialista em Língua Espanhola pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS; Licenciado em Letras-Português/Espanhol pela UNISINOS. Possui experiência no ensino de Língua Portuguesa, Língua Espanhola, e respectivas Literaturas. Tem como área de concentração os seguintes temas: processos e manifestações culturais; literatura brasileira contemporânea; literatura hispano-americana e estudos culturais.

** Possui graduação em Letras Português Alemão pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1991), Especialização em Linguística do Texto pela mesma Universidade (1993) e mestrado em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2001). É doutor em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africana pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, é professor e pesquisador da Universidade Feevale, atuando no PPG em Processos e Manifestações Culturais e no Mestrado Profissional em Letras. Atua no Grupo de Pesquisa Linguagens e Manifestações Culturais, constituído pelas linhas de pesquisa "Linguagens estéticas: processos e produção" e "Aquisição e desenvolvimento da linguagem". Entre outras publicações, é co-autor do livro *Literatura na Escola - Propostas para o Ensino Fundamental* (Artmed). Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura e metodologia de ensino da literatura.

ABSTRACT: This work focuses on Chico Buarque's novel *Leite derramado*, launched in 2009, and aims to analyze the treatment given to Matilde, character of the work, by the society in which she is inserted, more precisely by the social environment of the family Assumpção, which integrates, for a long period, the aristocracy of Rio. The analysis of the text is done from the perspective of identity and culture and considers political and historical aspects when shedding light on certain events that occurred in Brazil and mentioned in the work. For this purpose, the concepts of Homi K. Bhabha (1998, 2011), Lélia Gonzalez (1984), Linda Hutcheon (1991), among others, are used as theoretical support. With this, it is possible to perceive, through the narrative, the social displacements and their impacts in a prejudiced, racist and sly society.

KEYWORDS: Contemporary Brazilian Literature. Culture. Inequality. Racism. Discrimination.

1 Eulálio: memórias derramadas em um leito de história

O narrador-personagem de *Leite derramado* chama-se Eulálio Assumpção. No hospital, após sofrer uma queda, senil e sedado, ele narra suas memórias, as quais são enunciadas de maneira nebulosa, muitas vezes sobrepostas, direcionadas a vários interlocutores: a filha, que eventualmente o visita, as enfermeiras, os pacientes que dividem o quarto do hospital público com ele.

Após passar um longo período de tempo narrando suas memórias, que perpassam o Brasil da Primeira República até chegar ao Brasil contemporâneo, Eulálio morre. Não antes de contar sobre seus antepassados, adeptos da escravatura, destinatários de diversas benesses, sobre seu envolvimento com Matilde, seu casamento com ela e, posteriormente, sobre o desaparecimento dela, sobre sua filha, a qual criou sozinho e que sempre o questionara acerca do paradeiro da mãe. Seus netos e bisnetos, os quais já não carregam a história da família, também encontram espaço nas memórias. O poder e o glamour que a família um dia teve emergem com intensidade em seus relatos.

Desprovido de posses materiais, o ancião carrega consigo o sobrenome de uma família que desfrutou, ao largo de séculos, de inúmeros privilégios, os quais, no entanto, não resistiram ao tempo. O sobrenome e nome, que têm a pretensão de carregar os atributos, a força da família, igualmente, caem em declínio. De certa forma, são parte do eu do ser humano e carregam consigo traços de caráter, de personalidade, os quais estão unidos de modo indissolúvel, em função da própria denominação, que não é meramente um símbolo, uma simples designação, mas parte da personalidade de seu portador (CASSIRER, 1972).

Eulálio prefere, ainda, as denominações que recebia na sua infância, “Lalá” ou “Lalinho”, como se esses apelidos garantissem a segurança familiar, a memória afetiva e o conforto do lar, distanciando-se do eco fantasmagórico dos seus antepassados, que carregavam consigo o nome Eulálio.

Eu não queria ser Eulálio, só mesmo os padres me chamavam assim nos tempos de colégio. A me chamar Eulálio, preferia envelhecer e ser sepultado com meus apelidos infantis, Lalá, Lalinho. O Eulálio do meu tetravô português, passando por trisavô, bisavô, avô e pai, para mim era menos um nome do que um eco (BUARQUE, 2009, p. 31).

O que ecoa no nome de Eulálio é a potência que seus antecedentes tinham; agora, só sobrevive como símbolo. Entretanto, é a única propriedade do personagem, que, moribundo, tenta manejá-lo como se fosse um objeto de seu domínio, um bem, um valor. Mesmo que negue, seu nome é algo substancial, como se fosse parte integrante de sua pessoa, “pertence à mesma categoria de seu corpo ou sua alma” (CASSIRER, 1972, p. 68). Seu nome é uma memória, é um gatilho de recordações.

Para Walter Benjamin, “[...] a memória é a mais épica de todas as faculdades” (BENJAMIN, 1994, p. 210). Por isso, Eulálio, ainda que tenha memória enevoada, narra suas experiências, as quais lhe conferem autoridade. Essas memórias e experiências instituem uma crítica ao comportamento da elite brasileira ao longo da história. Conforme Beatriz Sarlo, ao pensar sobre memória e cultura, essa situação se caracterizaria como “[...] um impulso moral da história” (2007, p. 44). Assim, em *Leite derramado*, alguns dados da realidade histórica são instituídos por datas que colaboram para inserir uma ilusão referencial, resultante da manipulação de signos (CAMPAGNON, 1999). Ao mesmo tempo, o “[...] significado e a função exclusivamente existencial da recordação [...] também se tornam válidos na iluminação do presente histórico” (HAMBURGER, 1986, p. 71), na medida em que a ficcionalização da história realiza denúncias em relação à elite da sociedade brasileira.

Na narrativa, há diversas datas em evidência, tal como um rastro ou marcas de uma metaficcionalidade histórica (HUTCHEON, 1991) ou um efeito-signo (RICOEUR, 1997). É possível destacar as seguintes, tendo como critério a coincidência com momentos históricos significativos do Brasil: 1930, 1950, 1954, 1964 e 1989. Com essas datas, objetiva-se mostrar um percurso de transição do Brasil, de momentos de tensão (de ordem política, econômica e social), desaparecimentos, silenciamentos,

que, mais adiante no texto, relacionam-se com o tratamento que Matilde recebe. Em *Leite derramado*, o leitor está diante de uma transposição, a qual se efetiva pela apropriação da referência extratextual (as datas), em um movimento de transgressão, um desvio em relação ao referente, já que, como é próprio do processo de criação, “[...] nenhuma descrição pode ser aquilo que descreve” (ISER, s/d, p. 107, grifo do autor).

A primeira referência, que apresenta a destituição de Washington Luís, presidente do Brasil, resultado da Revolução de 30. Getúlio Vargas¹, candidato derrotado nas eleições que haviam ocorrido em março daquele ano e que fizera parte do comando civil da rebelião, assumiu a Presidência. Dessa forma, a Primeira República estava encerrada. Os resultados dessa revolução transformaram de modo radical a história do país em termos de economia, de política, de sociedade e de cultura (SCHWARCZ; STARLING, 2015). Na obra, Eulálio apresenta esse momento histórico no seu relato, evidenciando a importância de sua família, de seu pai, que teve seu nome posto em uma rua:

Pai, Eulálio Ribas d'Assumpção, como aquela rua atrás da estação do metrô. Se bem que durante dois anos ele foi uma praça arborizada no centro da cidade, depois os liberais tomaram o poder e trocaram seu nome pelo de um caudilho gaúcho. *A senhora já deve ter lido que em 1930 os gaúchos invadiram a capital, amarraram seus cavalos no obelisco e jogaram nossas tradições no lixo* (BUARQUE, 2009, p. 77, grifo nosso).

Como é possível verificar, o excerto não apenas faz referência ao nome da rua, como também mostra a representação literária dos acontecimentos históricos de 1930. Quando Eulálio enuncia que “gaúchos invadiram a capital”, pode se ter plasmado, nessa cena literária, o golpe de 30, o qual não somente impediu o presidente Júlio Prestes, eleito pelo voto popular, de tomar posse, como acarretou seu exílio. Nessa conjuntura, Vargas assume o governo provisório de 1930 a 1934, ano em que se torna presidente eleito e permanece no mandato até 1937. Nesse último ano, por meio de um novo golpe de Estado, permanece como ditador até 1945. A

¹ Getúlio Vargas vinha de uma família de criadores de gado da cidade gaúcha de São Borja, formou suas ideias políticas na tradição da ditadura republicana dos positivistas e subiu rapidamente na vida pública. Ele foi deputado estadual, federal, líder da bancada do Rio Grande do Sul no Congresso. Além disso, foi ministro da fazenda de Washington Luís, no período de 1919 e 1922 (SCHWARCZ; STARLING, 2015).

partir desse período, há um suspiro democrático. Em 1950, Getúlio Vargas, o pai dos pobres² venceu as eleições, pois encontrou um cenário propício ao seu retorno, mesmo que anteriormente tivesse sido deposto.

Nesse momento, os partidos políticos, todos enfraquecidos, não apresentavam uma figura que pudesse ofuscar sua liderança carismática. Embora tenha estado como um ditador em períodos anteriores, voltou ao poder com uma nova imagem: elegeu-se pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Para tal, valeu-se das lideranças populares e sindicais, fato que, de certa forma, atingiu alguns empresários; em outras palavras, a elite brasileira (SCHWARCZ; STARLING, 2015). Na obra, a menção ao presidente se dá seguinte maneira:

Eu andava cogitando no pai de Matilde, que conforme disse minha mãe, até no entourage do presidente Getúlio Vargas conseguira se enxerir. Minhas divergências políticas com o sogro estavam prescritas, a meu modo de ver, uma vez que no novo regime o Congresso fora fechado e nossos partidos nem existiam mais (BUARQUE, 2009, p. 190).

Em 1954, Getúlio Vargas cometeu suicídio. Nos anos seguintes, o Brasil foi presidido por Juscelino Kubitschek, que apresentou o plano de metas Cinquenta anos em cinco, construiu Brasília, deslocando a Capital Federal para o planalto central do Brasil. A nação ganhou uma nova faceta sob a presidência de civis até o ano de 1964, quando ocorre o Golpe Civil Militar, que instalou novamente a ditadura no país. Mais uma vez, o relato de Eulálio traz a representação desse período na narrativa literária:

[...] veio a Revolução Militar de 1964, então tratei de lhe lembrar nossas antigas relações de família com as Forças Armadas, até lhe mostrei o chicote que pertenceu ao seu sexto avô português, o célebre general Assumpção (BUARQUE, 2009, p. 126).

E ainda:

Não demorou muito, sete agentes da polícia invadiram nosso apartamento, vasculharam tudo, sacolejaram Maria Eulália, perguntaram por um tal de Pablo, e eu lhes disse que havia um equívoco, o garoto era um Assumpção de boa cepa. Ainda lhes apontei o retrato do meu avô na moldura dourada, mas um brutamontes me deu um tapa na orelha e me mandou enfiar o avô no cu. Esse ignorante espalhou no chão meu acervo de fotos, e nem me adiantaria protestar quando confiscou o chicote florentino (BUARQUE, 2009, p. 127).

² Alcinha recebida em função das reformas sociais e trabalhistas implementadas pelo presidente.

No período da Ditadura Militar, houve milhares de prisões, cassações, demissões, torturas e desaparecimentos. O país começou a ser redemocratizado apenas em 1985. Em 1989, após três décadas, o Brasil voltou a ter eleições presidenciais. A data aparece na narrativa como metáfora da paixão de um homem centenário por uma jovem, nascida no mesmo ano, 1989, já comprometida com seu tataraneto, o que seria uma relação inusitada, excepcional, improvável e inverossímil.

Instalado no banco traseiro, desafiei-os a adivinhar minha idade, e pareceram céticos quando anunciei meu centenário. Cem anos, insisti, e esbanjando saúde, apesar do coração momentaneamente acelerado, e lhes falei do meu amor incestuoso por uma pequena nascida em 1989. Visto que o assunto não rendia, perguntei-lhes se estavam felizes aqui ou se pretendiam voltar para a África. Opinei que servir na polícia era um grande progresso para os negros, que ainda ontem o governo só empregava na limpeza pública (BUARQUE, 2009, p. 175).

Na narrativa, Eulálio, ao longo de sua existência, que perpassa todo o século XX, tenta ficar sempre do lado que mais lhe oferece privilégios. Com uma visão aparentemente limitada da realidade social, investe em troca de favores. Em 1950, faz parte de um bloco político sem grande expressão e não ganha apoio do sogro, que está coligado ao governo de Getúlio Vargas. Tal acontecimento histórico abala as condições financeiras de Eulálio, que tenta obter apoio financeiro do sogro, mas sem êxito, pois ambos, como já referido, encontram em lados políticos opostos. Ao evidenciar seu posicionamento ideológico e partidário, para honrar e manter o nome de sua família, não abre mão de suas convicções, as quais já não servem para nada. No texto, o leitor percebe que o deslocamento da Capital Federal do Rio de Janeiro para Brasília interfere negativamente nas benesses da família Assumpção.

No período seguinte ao da instalação da capital em Brasília, durante a Ditadura Militar, a família de Eulálio sofre perseguição, motivada pelo fato de seu neto, também de nome Eulálio, ser politicamente engajado e fazer oposição ao regime. Valendo-se das relações do passado, Eulálio tenta se proteger, mas não obtém êxito na empreitada e vê seu patrimônio ser ainda mais dilapidado. Assim, o que lhe resta de poder sucumbe, e isso fica evidente quando os policiais confiscam o chicote, símbolo de dominação, que, anteriormente, nas mãos de seus antepassados, chibatava os escravos. A passagem é significativa, pois simboliza uma transfiguração do poder, que, antes, esteve nas mãos dos senhores de escravos e, agora, pertence aos

militares. Diante desse contexto, em que o nome da sua família já não vale mais nada, Eulálio vê, na redemocratização do país, a possibilidade de reerguer-se financeiramente e, assim, também recuperar o prestígio. Destituído de posse, de cargo, de função social, com um nome já sem brilho, vivo apenas nas suas memórias, o que lhe resta é a esperança de que o futuro lhe seja generoso.

2 Matilde e a violência que se manifesta na forma íntima

No desenvolvimento da narrativa, surge a personagem Matilde, que faz a vida de Eulálio sair do destino que seus pais almejavam para ele. Ao conhecê-la, a vida dele entra em outra fase: a da constituição de sua própria família. O leitor toma conhecimento da personagem feminina pela enunciação de Eulálio; não há a voz de Matilde na narrativa. O tratamento que ela recebe é uma mescla de amor e dominação. Se, por um lado, havia, por parte dele, um sentimento de amor por ela, por outro, estabelecia-se uma relação de dominação, o que leva a perceber que Eulálio não herda apenas o nome do avô, mas também a personalidade. Nos vários ciclos presentes na obra, Eulálio apresenta um retorno ao comportamento do avô, o qual buscava “as negras” (BUARQUE, 2009, p. 62). Há algo entre o dominador e o dominado, o explorador e o explorado, e o sadismo dessas tensões toma forma. Matilde é vítima de um relacionamento doentio, de preconceito e racismo:

O ciúme é então a espécie mais introvertida das invejas, e mordendo-se todo, põe nos outros a culpa da sua feiura. Sabendo-se desprezível, apresenta-se com nomes supostos, e como exemplo cito a minha pobre avó, que conhecia seu ciúme como reumatismo. Contam que ela gania de dor nas juntas, na fazenda na raiz da serra, cada vez que meu avô ia procurar as negras. Mas se declarava indiferente às andanças dele, que sempre teve esses vícios, desde fedelho se metia entre as escravas nas propriedades do seu pai, o barão negreiro (BUARQUE, 2009, p. 62).

Eulálio leva consigo desejos, fetiches, vontade de dominação e inferiorização do outro, do negro, da negritude de Matilde. Sem dúvida, vê-se *riscos* bem desenhados do pós-colonialismo. Há um exercício do poder colonial percebido por meio do discurso de Eulálio, poder que é sua herança. Ele articula suas vontades de dominação nas formas da diferença, tanto racial quanto sexual. Para Homi K. Bhabha,

“[...] essa articulação torna-se sempre crucial se considerarmos que o corpo está sempre simultaneamente (mesmo que de modo conflituoso) inscrito do discurso da dominação e do poder” (BHABHA, 1998, p. 107).

Durante um período, [...] encasquetei que precisava enrabar o Balbino. Eu estava com dezessete anos, talvez dezoito, o certo é que já conhecia mulher, inclusive as francesas. Não tinha, portanto, necessidade daquilo, mas do nada decidi que ia enrabar o Balbino. Então lhe pedia que fosse catar uma manga, mas tinha de ser aquela manga específica [...] Balbino pronto me obedecia, e suas passadas largas de galho em galho começaram de fato a me atiçar [...]. Fui tomando gosto por aquilo, não havia dia em que não mandava o Balbino trepar nas mangueiras uma porção de vezes. E eu já desconfiava que ele também se movia ali no alto com malícias, depois tinha um jeito meio feminil de se abaixar com os joelhos juntos, para recolher as mangas [...]. Estava claro para mim que o Balbino queria me dar a bunda. Só me faltava ousadia para a investida final, e cheguei a ensaiar umas conversas de tradição senhorial, direito de lei -, primícias, ponderações tão acima de seu entendimento, que ele já cederia sem delongas. Mas por esse tempo felizmente aconteceu de eu conhecer Matilde, e eliminei aquela bobagem da cabeça (BUARQUE, 2009, p. 19).

Como uma transferência de objeto de desejo e de dominação, Eulálio desiste de Balbino negro, descendente de escravo, que convive com a família Assumpção, na condição de empregado e “amigo de infância” de Eulálio:

E não se esqueça que meu nome de família é Assumpção, e não Assunção, como em geral se escreve, como é capaz de constar até aí no prontuário. Assunção, na forma assim mais popular, foi o sobrenome que aquele escravo Balbino adotou, como a pedir licença para entrar na família sem sapatos. Curioso é que seu filho, também Balbino, foi cavaliariço do meu pai. E o filho deste, Balbino Assunção Neto, um preto meio roliço, foi meu amigo de infância (BUARQUE, 2009, p. 18).

Eulálio não consume sua ânsia de dominar o corpo de Balbino, e essa desistência aponta Matilde como alvo de suas vontades, de seu fetichismo colonial, de sua libido. Matilde, para Eulálio, é diferente das mulheres francesas, as quais ele já conhecia. De “pele quase castanha, era a mais moreninha [...]” (BUARQUE, 2009, p. 20), recebe os olhares e o desejo de Eulálio, que busca o relacionamento, mais por capricho e luxúria do que por qualquer outro sentimento. Assim, pode-se evidenciar que a violência pós-colonial se manifesta, na narrativa, na forma de violência íntima.

Matilde é filha de “uma aventura do deputado, lá para as bandas da Bahia” (BUARQUE, 2009, p. 73); “achada pelas irmãs de caridade numa lata de lixo” (BUARQUE, 2009, p. 77); “é leve de espírito” (BUARQUE, 2009, p. 108); “brinca à vontade com a criança e a babá” (BUARQUE, 2009, p. 108); “não é muito de sombra” (BUARQUE, 2009, p. 113); “tinha a pele quase castanha, mas nunca foi mulata” (BUARQUE, 2009, p. 149); “também não era nenhuma santa” (BUARQUE, 2009, p. 158); “era mulher de dar o peito no meio da praça” (BUARQUE, 2009, p. 158); “de um colo tão moreno” (BUARQUE, 2009, p. 158); “adolescente” (BUARQUE, 2009, p. 163); “uma escurinha” (BUARQUE, 2009, p. 192). Matilde é discursivizada por meio de eufemismos³: é escurinha, mulata, exótica; a presença dela macula a pureza, a linhagem dos Assumpção (e também dos Montenegros, família da qual faz parte). Matilde é uma “impureza”, uma mistura, por isso é apontada como um elemento “transgressor” e “corruptor” (BHABHA, 1998, p. 109).

Por ser objeto de desejo e um ser que precisa de cuidados, no entender de Eulálio, que a vê como alguém inconsequente e ingênua, ele decide por ela. Portanto, recebe um tratamento desigual, sendo constantemente vítima de desdém; está, permanentemente, inserida em um processo de “dominação” e “dependência” (BHABHA, 1998). Além disso, pode-se notar que trata, como Bhabha aponta, do “poço da escada como espaço liminar, situado no meio das designações de identidade, transforma-se no processo de interação simbólica. O tecido de ligação que constrói a diferença entre superior e inferior, negro e branco” (BHABHA, 1998, p. 22).

O desdém está presente nos relatos de Eulálio. A sensualidade, a alegria, o sincretismo cultural são características de Matilde destacadas na narrativa, mas que são desdenhadas por um processo discursivo de inferiorização, como se ela não pudesse ter os mesmos privilégios que Eulálio teve:

[...] me fez rir porque Matilde em francês era quase tatibitate. Eu cogitara mesmo em levá-la à recepção da embaixada, e para a ocasião ela havia feito as unhas e separado um vestido cor de laranja. Mas concluí que não valia a pena, Matilde ficaria encabulada naquele meio. Política não lhe interessava, negócios, muito menos, amava fitas de caubói, mas não sustentaria uma conversação sobre literatura. Pouco sabia de ciências, geografia e história, apesar de ter estudado no Sacré Coeur de Jesus. Aos dezesseis anos, quando deixou o colégio para casar comigo, não tinha completado o curso ginasial.

³ Figura de estilo com que se disfarçam as ideias desagradáveis por meio de expressões mais suaves.

Estudara piano, como todas as meninas do seu gabarito, mas tampouco brilhava nessa matéria (BUARQUE, 2009, p. 44).

A passagem transcrita evidencia todo o desprezo pelas qualidades e habilidades de Matilde, desenvolvidas no mesmo ambiente de Eulálio. Ela estudou na mesma escola, circulou nas mesmas esferas sociais, contudo não era igual a ele. Sob o ponto de vista de Eulálio, seu francês não era bom e seu gosto musical não era refinado. Ela não conhecia o mundo como ele, e, se conhecesse, faltaria sempre algo para entendê-lo. Ela é discursivamente rebaixada; há um orientalismo⁴ sobre Matilde, ou melhor, ela passa por um processo de semiotização do poder orientalista, é um efeito do agenciamento do sentido sob o prisma do orientalismo, caso se veja pela ótica de Edward Said (2001). No entanto, melhor é trazer à questão as lentes de Lélia Gonzalez (1984), autora do feminismo negro, que há muito tempo mostra que a mulher negra na sociedade brasileira passa por diferentes modos de rejeição e integração do seu papel. Não é apenas Matilde que é empurrada para um lugar de rejeição, milhares de mulheres negras encaram essa situação.

A discriminação que Matilde sofre é contínua. Não somente por Eulálio, mas também por sua sogra e por sua própria família, os Montenegros. Ela é a mais escurinha, filha bastarda, resultado das aventuras de seu pai na Bahia. Na escola, as freiras, em um primeiro momento, não se lembram dela, porém, posteriormente, quando recordam, mantêm-se caladas. Em relação à memória, Gonzalez evidencia que

na medida em que é o lugar da rejeição, consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura: por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência (GONZALEZ, 1984, p. 226).

Socialmente, ela parece não ser digna de lembrança, de memória: na foto da turma dela, por exemplo, ela não aparece. Eulálio especula que, no dia em que foi tirada a foto, ela pudesse estar suspensa das aulas:

⁴ Uma representação do oriente, dissonante do que, de fato, ele é, isto é, uma invenção do outro com o intuito de inferiorizá-lo.

De Matilde, no momento ela tampouco lograva se lembrar, mas logo se empertigou na escrivaninha para consultar seu fichário. Em silencioso tête-à-tête com Nôtre Mère, procurei decifrar seu meio sorriso congelado, seus olhos cinzentos a me fitar, seu plácido semblante e seus dedos nervosos, viciados em contas de rosário. [...] Voilà, disse Mère Duclerc, e me passou uma fotografia da turma da seconde em 1927. Via-se uma dezena de alunas sentadas, com as mãos cruzadas sobre o regaço, à frente de outras tantas em pé, com os braços duros para baixo. Eram as colegas de Matilde, conheci seus rostos. Mas faltava ela, naquele dia Matilde talvez estivesse suspensa (BUARQUE, 2009, p. 99).

A conjectura de Eulálio em torno da ausência de Matilde na fotografia expressa seu ponto de vista sobre a sociedade: ele não reconhece a presença da discriminação racial no Brasil; o processo de discriminação aparece naturalizado em seu discurso. Matilde está inserida em um contexto discriminatório, há uma *implicância*, uma *cisma* com ela. A mãe de Eulálio não entende o porquê da *escolha* por Matilde entre as outras tantas irmãs de uma família tão distinta. Isso remete, mais uma vez, ao fetiche, à dominação:

Minha mãe era de outro século, em certa ocasião chegou a me perguntar se Matilde não tinha cheiro de corpo. Só porque Matilde era de pele quase castanha, era a mais moreninha de sete irmãs, filhas de um deputado correligionário do meu pai (BUARQUE, 2009, p. 29-30).

O status de Matilde é a sensualidade, o desejo que provoca em Eulálio, o êxtase que ela proporciona a ele, o que, entretanto, não a coloca em pé de igualdade com ele. Está mais para um objeto de satisfação pessoal, um objeto do desejo, de posse, aliás um desejo que entra pela cozinha, sempre às escondidas:

Mal sabia ela que, de noite, eu espreitava da minha janela de fundos a hora de Matilde pisar a relva do jardim na ponta dos pés, entre as amendoeiras e a casa dos empregados. Eu descia correndo e lhe abria a porta da cozinha, que Matilde apenas ultrapassava. Encostava-se na parede da cozinha, a respiração curta, e me arregalava os olhos negros (BUARQUE, 2009, p. 45).

Gonzalez (1984) destaca que a mulata, em determinados momentos, é desejada e, em outros, é domesticada. Para Eulálio, pertencente ao grupo branco dominante, toda essa situação não apresenta nada de anormal. No entanto, a discriminação está presente. Pelo prisma de Gonzalez, pode-se aprofundar a questão:

Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. Pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica. É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade. É por aí, também, que se constata que os termos mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito (GONZALEZ, 1984, p. 228).

Entre o desejo, posse e domesticação, na narrativa há algo de transgressor por parte de Eulálio, algo que não será aceito pela elite, pois até mesmo o casamento é realizado às escondidas: é um acontecimento que não deve ser exposto:

Como aliás ninguém soube do casamento, a cerimônia no casarão foi discreta, não imprimimos convites, os proclamas foram lavrados num desses jornais que gente de respeito não lê. A rogo de minha mãe, o padre da Candelária se abalou da sua paróquia, e tive a impressão de que ruborizou ao me ver em pé defronte dele. Fez o sermão de cabeça baixa, e tinha um ar mais lastimoso que nas exéquias do meu pai, talvez acabrunhado pelo vestido informal de Matilde, estampado com flores vermelhas. Foram testemunhas de minha parte mamãe e Auguste, o chofer que meu pai importara da França com seu primeiro Peugeot, ainda antes da guerra. Da parte de Matilde improvisou-se o tio Badeco⁵, um irmão de mamãe que estava de passagem pelo Rio de Janeiro. E a quarta testemunha seria a lavadeira, substituída afinal pela mãe de Matilde, que apareceu de surpresa com o ofício já adiantado (BUARQUE, 2009, p. 72).

Matilde é tachada com vários rótulos, os quais sugerem uma identidade socialmente renegada, uma vez que o popular é renegado, ou melhor, há a evidência de um racismo estrutural e um apelo às tradições ou ao conservadorismo retratados em *Leite derramado*. Em outras palavras, na obra, está a representação dos valores colonialistas, logo, racistas, machistas e sexistas. Na narrativa, há um encaminhamento para que a situação da camada social dominante, não apenas por ser a mais abastada, mas por estar em postos de poder, nos quais Eulálio faz questão de se manter. Eulálio, independente dos meios, tenta permanecer em um lugar soberano, recebendo os privilégios, as vantagens, o *direito* de instituir os direitos e as regras.

⁵ “Badeco Montenegro tinha cabelo pixaim” (BUARQUE, 2009, p. 13).

3 Interlúdio: o desaparecimento de Matilde

Nesta pequena seção, aborda-se o desaparecimento de Matilde, episódio que, na narrativa, não apenas é carregado de tensão, mas, também, constitui-se em abertura para visualizar o posicionamento, o ponto de vista de Eulálio sobre o meio, ou seja, sua idiossincrasia carregada de preconceitos, de atitudes mesquinhas e de autoritarismos.

O destino de Matilde, na narrativa, é cercado de mistério: faleceu em decorrência do parto? Foi vítima de um acidente de carro? Morreu por doença ou por afogamento? Ou foi embora com Dubosc, o francês? Se não é possível precisar o seu destino, há, intratextualmente, essas possibilidades de suspeição. Algumas hipóteses podem ser descartadas, após uma leitura atenta: não morreu no parto, nem afogada, nem no acidente. Entre a fuga com Dubosc e a morte no sanatório, há um forte indício de que seja a segunda hipótese, porque a mãe de Eulálio diz que ela teve doença de pobre: “Não sei se já então mamãe começava a misturar as palavras, mas o padre a corrigiu no ato: de pobre não, Maria Violeta, foi a doença da luxúria que a perdeu” (BUARQUE, 2009, p. 186). Mas, tal enunciado, também ambíguo, não descarta a possibilidade da traição.

Interessante é a figura de um padre enunciando isso, pois remete, segundo Bhabha a “[...] aterrorizantes estereótipos de selvageria, canibalismo, *luxúria* e anarquia que são os indicadores de identificação e alienação, cenas de medo e desejo, nos textos coloniais” (BHABHA, 1998, p. 114, grifo nosso). Com isso, conclui-se o seguinte: o adultério, para o homem, não é punível; é algo comum, aceito na época, tolerável, embora sujeito a ocultamento. Em contrapartida, ser pobre e negro, para a família Assumpção, que integra e representa a classe dominante na narrativa, é vergonhoso e inaceitável.

Agora, se aceita a hipótese de Matilde ter fugido, grávida, com Dubosc, é possível concluir que não seja um evento grave. Para Eulálio, até parece ser preferível a traição por um francês que a associação da esposa com pessoas que passaram por um processo de escravidão⁶:

⁶ A França colonizou vários países de população negra e oriental, os exóticos.

A porta de casa estava escancarada, e na sala deparei com Matilde de maiô dançando com o preto Balbino. Sim, o preto Balbino, eu não acreditei, mas era ele. Não reagiram ao me ver, os dois continuaram a dançar e a me olhar e a me sorrir como se nada fosse. Balbino vestia uma calça roxa muito justa, sua bunda maior que a da irmã, e ver minha mulher nos braços daquele crioulo foi para mim a pior infâmia (BUARQUE, 2009, p. 115).

Matilde passa, portanto, por meio da narração de Eulálio, por um processo de estereotipação e fetichismo, pois, conforme Bhabha

[...] o fetiche ou estereotipo dá acesso a uma 'identidade' baseada tanto na dominação e no prazer quanto na ansiedade e na defesa, pois é uma forma de crença múltipla e contraditória em seu reconhecimento da diferença e recusa da mesma (BHABHA, 1998, p. 116).

Eulálio, ao levantar, ou melhor, ao narrar as hipóteses do desaparecimento de Matilde, faz com que a narrativa abra a “caixa de pandora da fantasia colonial” (BHABHA, 1998, p.114).

4 Matilde e sua carteira de identidade brasileira

Percebe-se que Matilde não tem voz na narrativa. Ela não era um membro *pleno*, tampouco legítimo da classe dominante, apenas circulava nesse âmbito – como muitas pessoas na condição de subalternidade. Além disso, tem sua voz, na narrativa, sempre mediada por Eulálio, o que a torna destituída de um espaço de enunciação, o que remete a um processo social que faz com que ela se cale. Nesse ponto, alinha-se com o que Gayatri Spivak aponta: “[...] se, no contexto da produção colonial, o sujeito que não tem história não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 28).

Ver Matilde como sujeito subalterno nada mais é que percebê-la como sujeito efeito de um discurso dominante. Ora, toda a representação que o narrador-personagem constrói de Matilde é similar ao ato de falar por ela (SPIVAK, 2010). No entanto, a expressão artística consumida e propagada por ela, tal como a canção *Macumba Gegê*, direciona a sua posição:

Estudara piano, como todas as meninas do seu gabarito, mas tampouco brilhava nessa matéria. Ainda éramos namorados no dia em que ela se sentou no Pleyel de minha mãe, e me preparei para escutar

alguma peça de Mozart, compositor que ela cantara, ou fingira cantar, na missa de sétimo dia do meu pai. Mas com mão pesada, ela tocou um batuque chamado *Macumba Gegê*, vá saber onde aprendeu aquilo. E mamãe se despencou pela escada, para ver que diabo se passava (BUARQUE, 2009, p. 45).

A passagem conduz o leitor a um evento histórico: o samba *Macumba Gegê*, do compositor Sinhô, censurado pelo Governo de Getúlio Vargas (1882-1954): gegê era o apelido do ditador civil. Vargas atacou a Frente Negra Brasileira, organizada em 1930, e outros movimentos políticos da mesma categoria. Apesar da repressão, vários cultos de origem africana sobreviveram, entre eles a música e a dança, investidas de poderes sobrenaturais (LEYMARIE, 2015). Destaque-se, também, que a religiosidade afro-brasileira foi um dos temas preferidos da música popular desde o final do século XIX. A começar com Chiquinha Gonzaga, que compôs, em parceria com Augusto de Castro, o batuque *Candomblé*, lançado em 1888. Já na segunda década do século XX, compôs *Pererê*, com Eduardo Souto e João da Praia, e *Macumba Gegê*, lançada por Sinhô, em 1923 (MATTOS, 2012).

A mescla, a hibridização cultural é consequência da época, do nascimento do samba, que resulta da fusão das sonoridades afro-brasileiras constituídas até então. É no final da segunda década do século XX, tão somente, que o samba começa a ser aceito gradativamente pela elite, que estava centrada na música erudita tanto brasileira quanto europeia. Vale ressaltar que essa mesma elite também começa a compor sambas, tornando esse gênero lucrativo. Até esse momento, quem consumia a música popular, como o samba, eram as camadas populares, as regiões pobres do Rio de Janeiro. Assim sendo, Matilde foi transgressora ao tocar *Macumba Gegê*, em um piano Pleyel.

A letra de *Macumba Gegê*⁷ está associada ao personagem e, ao mesmo tempo, a canção é um registro do nascimento do samba. Ela marca um momento, o qual é apropriado pela ficção (metaficcionalizado). O samba é representativo do negro, do mulato, então, há, aí, uma articulação, pois, se Matilde é mulata e não faz parte do grupo aristocrático, a música que a representa precisa ter esse mesmo teor.

⁷ Letra: Estás falando de mim/ Eu não ligo não/ é a mágoa que tens /no teu coração/ Eh! Gegê/ meu encanto/ Eu tinha medo/ se não tivesse bom santo/ A inveja é um fato/ que nunca tem fim/ Podes vir de feitiço/ pra cima de mim.

MACUMBA Gegê. Intérprete: Marcos Sacramento e Clara Sandroni (c/ Lira Carioca). Compositor: J. B. da Silva, o Sinhô. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nLmEjZv6TE>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

Como dito anteriormente, Matilde não tem enunciações próprias, é tratada como subalterna (SPIVAK, 2010), sempre um homem, heterossexual, branco, descendente de senhores de escravos fala por ela – sempre falam por ela. Destituída de enunciação verbal, expressa-se pela música, dançando e tocando piano. O piano, um instrumento relacionado com a cultura erudita, passa a expressar o popular, como se fosse um ato iconoclasta. Matilde, sob a vista d’olhos das famílias aristocratas, toca uma música que não cabe no piano Pleyel, o mais sofisticado da época.

O narrador marginaliza Matilde, ao mesmo tempo que sofre um processo de decadência e marginalização: independentemente da cor, a pobreza é um aspecto marginal, um mal (BHABHA, 1998, 2011; SAID, 2001; SPIVAK, 2010). Além disso, apesar das investidas preconceituosas dele, há uma ambivalência em seus sentimentos; há algo de remorso, de dor e de perda, sem esquecer que há a dose de orgulho masculino ferido.

5 Considerações derramadas

A miscigenação é um ponto negativo, uma problemática social, não somente na narrativa, como na nossa própria sociedade. *Leite derramado* reproduz um imaginário: represa de sentidos, emoções, vestígios, símbolos e de valores (SILVA, 2006). Na narrativa, há, inclusive, a sugestão de mandar os negros para “Nova Libéria” – o que evidencia o racismo, o preconceito. A passagem reverbera uma tentativa de branqueamento da população por meio do discurso dissimulado de auxílio⁸, que nunca se efetivou.

E após um acerto de parceria com os colonizadores ingleses, meu avô lançou no Brasil uma campanha para a fundação da Nova Libéria. Vovô era mesmo um visionário, desenhou de próprio punho a bandeira do país, listras multicores com um triângulo dourado no centro, e dentro do triângulo um olho. Encomendou o hino oficial ao grande Carlos Gomes, enquanto arquitetos britânicos projetavam a futura capital, Petróvia. Conquistou o apoio da Igreja, da maçonaria, da imprensa, de banqueiros, de fazendeiros e do próprio imperador, a todos parecia justo que os filhos de África pudessem retornar às origens, em vez de perambularem Brasil afora na miséria e na ignorância (BUARQUE, 2009, p. 51).

⁸ Gilberto Freyre (2001), por exemplo, designaria tal auxílio como “democracia racial”.

Eulálio, mesmo que situado em um entre-lugar, numa situação ambivalente (opressor por pertencer e reproduzir o comportamento da classe dominante; dominado por estar sob o jugo de países imperialistas), constrói uma narração sobre Matilde dentro de um discurso colonial cujo objetivo é “apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução” (BHABHA, 1998, p. 111). Dessa maneira, representa uma nação obediente e está sob as vestes de um sujeito, de um agente da enunciação colonial (BHABHA, 1998, p. 113). Matilde é um alvo de ataques racistas, desdenhosos, inferiorizantes, tal como Bhabha esclarece: “[...] os sujeitos são sempre colocados de forma desproporcional em oposição ou dominação através do descentramento simbólico de múltiplas relações de poder que representam o papel de apoio, assim como o de alvo ou adversário” (BHABHA, 1998, p. 113). Portanto, Eulálio é reproduzidor de um discurso colonial que “produz o colonizado como uma realidade social que é ao mesmo tempo um ‘outro’ e ainda sim inteiramente apreensível e visível” (BHABHA, 1998, p. 111).

A personagem Matilde, se visualizada sob a ótica de Bhabha (1998), é um “estereótipo” ou um “fetiche”, que dá acesso a um imaginário nacional, a atores sociais, baseada tanto na dominação e no prazer quanto na ansiedade e na defesa, pois é uma forma de crença múltipla e contraditória em seu reconhecimento da diferença e da recusa. Para ele, esse conflito está entre o prazer/desprazer, a dominação/defesa, o conhecimento/recusa, ausência/presença, o que tem uma significação fundamental na narrativa.

Por fim, Eulálio, em relação a Matilde, apresenta sentimentos em oposição, e isso faz com que ele seja engolido por meio de um movimento periférico-central, ou seja, aquilo que ele tanto teme, de que tanto se afasta ou se distancia, acaba por alcançá-lo e degluti-lo; aquilo que ele quer deixar na periferia faz com que ele saia do centro, tanto do centro de poder, de domínio, quanto do espaço central de prestígio da cidade, acabando por morrer na periferia – um lugar de morte, de rechaço e de abandono político e econômico. Eulálio é vítima factual do próprio discurso colonialista, classista e racista. Portanto, seu discurso evoca a trajetória de muitos oprimidos, mas, como uma ironia do destino, faz com que ele entre, de alguma forma, na realidade daqueles que são tidos como objetos, seres humanos objetificados, reificados e inferiorizados – como a classe trabalhadora. Contudo, Eulálio, apesar de

apresentar uma trajetória decadente, jamais conseguirá sentir na pele o mesmo que a população negra, pois apresenta um fenótipo europeu. Embora seja transladado socialmente, o seu percurso decadente não tangenciará as dimensões do preconceito racial.

Neste trabalho, buscou-se não somente evidenciar aspectos identitários e culturais, mas também estabelecer uma aproximação de uma interpretação política e social da literatura. De algum modo, intencionou-se mostrar a relação entre a linguagem e o poder representados na narrativa com alguns fatos da história. A experiência de realizar este trabalho permitiu vislumbrar o porquê de os historiadores procurarem a linguística e a semiótica e se interessarem por áreas como a arte, a literatura, o cinema, o imaginário social, os objetos culturais, as ideologias e a tratá-los como objetos dignos de estudo histórico por si próprios. Sem dúvida, esse caminho é recíproco.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila, Eliana L. de L. Reis, Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

_____. *O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses: textos seletos*. Tradução Teresa D. Carneiro Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BUARQUE, Chico. *Leite derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito: uma contribuição ao problema dos nomes dos deuses*. Tradução de Jaime Guinsburg, Mirian Scahnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 1972.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HAMBURGER, Kate. *A lógica da criação literária*. Tradução de Margot. P. Malnic. São Paulo: Perspectiva, 1986.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

ISER, W. O jogo do texto. *In*: JAUSS, Hans Robert et al. A literatura e o leitor: textos de estética da recepção. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.105-118.

LEYMARIE, Isabelle. *Del tango al reggae: músicas negras de América Latina y del Caribe*. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2015.

MATTOS, Regiane. *História e cultura afro-brasileira*. São Paulo: Contexto, 2012.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo III. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Tomas rosa Bueno. São Paulo, SP: Companhia de Letras, 2001.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloisa. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Juremir M. *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Almeida, Marcos Feitosa, André Feitosa. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

Recebido em 01/10/2020

Aceito em 01/12/2020

Publicado em 17/12/2020